



## LIGA DOS COMBATENTES

PALAVRAS DO TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES, NA INAUGURAÇÃO DE MONUMENTO AOS COMBATENTES CANENSES – CANO, SOUSEL – 17SET2022

Minhas Senhoras, meus Senhores  
Caros Combatentes

Hoje, na freguesia de Cano, concelho de Sousel, está a acontecer e a promover-se História.

*História, essas memórias do esquecimento  
Escritas na pedra, pergaminho ou pensamento  
A que o homem e o tempo vai dando nascimento*

*A História faz-se dia a dia repartida  
Pelo tudo e pelo nada que se liga  
Coragem, esperança, amor, fadiga  
E o sagrado da memória coletiva*

Tem sido essa memória coletiva, pelo tudo e pelo nada que se liga, que tem estado a acontecer na freguesia de Cano.

Reavivar a memória do esquecimento homenageando um herói aviador do século passado, Capitão Celestino País dos Ramos, que para além de, em avião de pau e pano, ter feito as travessias Lisboa-Madrid-Lisboa-Marrocos-Lisboa-Moçambique, parando em mais de trinta locais, decidiu um dia fazer uma aterrissagem em Cano, terra de nascimento de sua mãe. Há precisamente um século. É esse centenário que hoje evocamos. Herói digno da Torre Espada, Valor Lealdade e Mérito que foi atribuída.

Por outro lado, Cano homenageia hoje os seus Combatentes do Ultramar, colocando mais uma pedra no edifício que as freguesias, concelhos e municípios do país têm construído tendo edificado nos últimos anos mais de 450 monumentos fazendo assim História repartida pelo tudo e pelo nada que se liga. A maior parte desses Combatentes que ao longo do século XX e XXI se bateram de armas na mão na defesa dos valores e dos interesses superiores de Portugal sentiram necessidade de se organizar criando uma Instituição patriótica e humanitária de seu nome Liga dos Combatentes e que igualmente está comemorando o seu Centenário. Para nós todas as Cerimónias como esta se enquadram na evocação do nosso Centenário. Cerimónia por isso muito especial em Cano. Momento feliz para o Presidente da Liga dos Combatentes estar em mais uma cerimônia em que o Portugal Profundo homenageia os seus heróis. Hoje no Cano “volta a ser reforçado um tempo feito de vários tempos e modos”.

Homenageamos parte de cerca de um milhão de jovens saídos de suas terras para atravessarem mares e viverem e morrerem noutra continente ou alguns deles regressarem com traços indelévels na saúde. Mas, a maioria regressaria mais forte e mais homem depois de conhecerem, dominarem e ultrapassarem com coragem e sacrifício o limiar entre a vida e a morte violenta.

E foi esta dúvida que durante mais de dois anos nos corroe a vida. E a alguns que aqui hoje evocamos corroeu-lhes a vida para sempre. Se nos referimos sempre aos três Ramos das Forças Armadas, hoje para além dos que se bateram em terra e no mar damos relevo e individualizados os que se bateram no ar.

E é com respeito e admiração que sublinho a ação da Força Aérea na guerra do ultramar no apoio às forças terrestres, apoiando pelo fogo, pelo reconhecimento aéreo, pela evacuação, pelo transporte, pelo apoio logístico, enfim, numa cooperação aeroterrestre exemplar que merece ser sublinhada.

Minhas Senhoras, meus Senhores

Os monumentos erguidos aos Combatentes em todo o país sejam mais simples ou mais elaborados são um aerograma escrevendo memória. Não é a dimensão megalítica ou a riqueza da estrutura que enaltece os nossos. O monumento ao Combatente é um talefe afetivo que se impõe naturalmente. Hoje temos um monumento que dá ênfase a muitas memórias e a muitas dúvidas da partida e da eventual chegada, mensagem essa que emana de uma das faces sobre a pureza do mármore branco pacífico de Estremoz.

*Vejo os pais vejo as colunas  
Onde se encostaram um dia  
P'ra ver esfumar os valores  
Que d'Alvantara Mar partiam  
P'ra partilhar a saudade  
Dos que partiam sem vontade*

*Não importa qual o vapor  
Que beije o Tejo no cais  
O que conta é a dor  
Da dúvida de voltar  
Ou não voltar mais  
A ver gaivotas no cais...*

Minas Senhoras e meus senhores

Nestes momentos de Homenagem e reflexão sobre o passado, num universo onde se encontram Combatentes vivos e a cuja vivência diz muito o que temos vindo a referir, não posso deixar de dizer algo sobre o presente. Foi há dois anos publicado o Estatuto do Combatente. Está sendo regulamentado e ainda falta serem implementadas no seu todo diversas medidas. Já classifiquei o Estatuto de documento histórico, saído cinquenta anos

depois do fim da guerra. O estatuto foi encarado pelo governo e Assembleia da República de forma tímida e incompleta e com a promessa de se constituir um primeiro passo legislativo nos termos da solidariedade e do reconhecimento. No primeiro passo tratou-se do Reconhecimento moral que finalmente nos sensibilizou. O passo legislativo final é urgente que seja dado, procedendo-se ao reconhecimento material e que sejam revistos os débeis apoios financeiros e a saúde estabelecidos pela lei 3/2009 e infelizmente não melhorados no atual Estatuto. Como costume afirmar é importante garantir a reconciliação dos Combatentes com o Estado.

Termino saudando todos os Combatentes do Cano, vivos e mortos, da Grande Guerra, da Guerra do Ultramar ou das Operações de Paz, que generosamente empenharam a sua vida por um mundo livre e mais justo, oferecendo-se por todos nós para que a Paz fosse a vencedora das batalhas travadas.

Como militares, obedeceram, lutaram e cumpriram, reconhecendo que por vezes tiveram que ser o fator decisivo na mudança da História. Talvez por isso se afirme frequentemente que Portugal é obra de soldados.

*Viva Cano e Sousel*  
*Viva Portugal*

Cano, 17 de setembro de 2022

Joaquim Chito Rodrigues  
General